

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Bucha, Luís Carlos Oliveira de Pinho Godinho,  
1992-

## **O arquiteto e a cidade fragmentada**

<http://hdl.handle.net/11067/6904>

<https://doi.org/10.34628/pep2-yb63>

### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2023
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-06T18:08:34Z com  
informação proveniente do Repositório

# O ARQUITECTO E A CIDADE FRAGMENTADA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA

**Luís Carlos Bucha**

DOI: <https://doi.org/10.34628/pep2-yb63>

**Resumo:** A Arquitetura assume uma natureza holística que lhe permite responder aos desafios da sociedade contemporânea, assente num princípio de transversalidade no modo como entendemos o nosso mundo e o nosso próprio “cosmos interior”, suportado no papel do Arquitecto. A Cidade, como produto civilizacional, constitui o verdadeiro meio-ambiente do Homem Moderno, mas a transformação resultante da Revolução Industrial levou à criação de um sistema urbano que nem sempre era ideal para a vida moderna. Naturalmente, as cidades não estavam preparadas para o que viria a acontecer no decurso dos dois séculos, fruto de transformações profundas com forte impacto na sociedade contemporânea, cada menos preocupada com a dimensão colectiva e agregadora das cidades, beneficiando apenas o indivíduo e sua mobilidade neste grande sistema urbano que viria a ser a Cidade Pós-Industrial.

Infelizmente, isso resultou em sistemas fragmentados que descaracterizam a Cidade, em função de múltiplos desequilíbrios, assimetrias e descontinuidades urbanas. Para reestabelecer a unidade perdida, é necessário compreender a Cidade e assumir a existência dos seus “não-lugares”, dos seus fragmentos, procurando tirar partido das suas qualidades e especificidades. Neste contexto, o Arquitecto, como cidadão, deve estar ciente do seu papel no modo como a sua intervenção no território pode originar um processo de regeneração urbana, não só com benefícios de ordem sociocultural, ambiental e económico, mas também pelo potencial de resgatar um sentido do Colectivo e a sua Identidade.

**Palavras-chave:** Arquitectura, Arquitecto, Civilização, Sociedade, Cidade Pós-Industrial, Fragmentos Urbanos, “Não-lugares”.

**Abstract:** Architecture suggests a holistic nature that allows it to respond towards the challenges faced by contemporary society through a principle of transversality in how we understand our world and our own “inner cosmos”, supported upon the role of the Architect.

The City, as a product of civilization, represents the true environment of the Modern Human, but the transformation resulting from the Industrial Revolution led to the creation of an urban system that was not always ideal for modern life. Naturally, cities were not prepared for what was to come over the next two centuries, due to a series of profound transformations with a strong impact on contemporary society, increasingly less concerned with the collective and aggregating dimension of cities, benefiting only the individual and their mobility in this large urban system that would become the Post-Industrial City.

Unfortunately, this has resulted in fragmented systems that deface the city, due to multiple imbalances, asymmetries, and urban discontinuities. In order to reestablish a sense of unity, it is necessary to understand the City and assume the existence of its “non-places,” its fragments, seeking to take advantage of their qualities and specificities. In this context, the Architect, as a citizen, must be aware of his role upon the intervention, which could result in a process of urban regeneration, not only with socio-cultural, environmental, and economic benefits but also with the potential to rescue a sense of the Collective and its Identity.

**Keywords:** Architecture; Architect; Civilization; Society; Post-industrial city; Urban fragments; “Non-places”.

A Arquitectura, em função da sua dimensão holística, pressupõe um princípio de transversalidade que potencia uma capacidade de responder às questões prementes da sociedade contemporânea. Como mote de reflexão e abordagem, a figura da *Trindade* assume-se como um *signo*, um *ícone* de carácter singular, nas mais diversas representações e sentidos veiculados. Partindo deste princípio, fará sentido considerarmos estabelecer um entendimento do mundo assente na seguinte tríade: a **Palavra**, da qual deriva tudo que se reporta à linguagem, à ex-

pressão e comunicação, ao entendimento e ao pensamento; simultaneamente, *a Palavra é Verbo*, sendo que este se define pela *Acção* porque abarca em si o passado, o presente e o futuro; o **Número**, o qual se reporta a tudo o que define a realidade explicável por via deste *código*, manifestando-se nas mais diferentes disciplinas fundamentais, tais como a matemática, a geometria e a física; a **Luz**, a qual reporta-se ao mistério e à magia da invenção, da arte; embora a Luz não esteja inteiramente correlacionada com a Palavra ou o Número, *per se*, a verdade é que se socorre de ambas para acontecer, para manifestar-se como uma expressão de singularidade. Se reflectirmos estas noções para a forma da Arquitectura, então podemos considerar, por exemplo, que um dado programa funcional comunica e esclarece um conjunto de premissas (a *Palavra*) para um edifício; em seguida, o arquitecto através do *acto de projecto* e das operações que o suportam transpõe a ideia formal e funcional, concretizando-a no plano da realidade (o *Número*), e com a ressalva de que essa transfiguração reflecte, quase sempre, uma visão singular e inventiva do espírito (a *Luz*) de cada indivíduo, no modo com este exerce a sua acção sobre a realidade do nosso mundo, e assente num sentido de ordem, coerência e solidez

Por sua vez, a Arquitectura, como um mecanismo humano de construção e ordenação desse mundo, é indissociável do seu espaço-tempo, acabando por reflectir e afirmar o desenvolvimento civilizacional do ser humano como construtor de uma sociedade, organizada e materializada na *Cidade*, conforme é expresso no pensamento do arquitecto português Alexandre Alves Costa (n.1939): “[...] a cidade, como produto civilizacional, representa o verdadeiro meio ambiente do homem moderno, no qual se joga, realmente, o destino espiritual da humanidade.” (2006, p. 15).

No entanto, independentemente deste princípio fundamental, a Cidade, tal como hoje a reconhecemos, assume-se como um sistema, ou melhor, como a invenção de um sistema civilizacional, com a sua génese nas transformações decorrentes da Revolução Industrial no final do século XVIII. Por efeito, este processo acabaria por se repercutir num fenómeno a que designamos por “vida moderna”. Acontece que essa adaptação nem sempre foi a ideal, muito possivelmente porque as cidades não estavam preparadas para o que veio a acontecer no decurso

dos dois séculos seguintes; ou, provavelmente, porque essa “vida moderna” acabaria por estar menos preocupada com a dimensão colectiva e agregadora das cidades, beneficiando apenas o indivíduo e a sua mobilidade neste grande sistema urbano. Essa mobilidade está muito associada ao domínio do automóvel e, por efeito, aos fluxos de circulação e à necessidade da cidade se redimensionar e transformar para comportar essa nova dinâmica de funcionamento. Face a este novo paradigma, podemos considerar que já atingimos um ponto em que estas cidades, enquanto sistemas fragmentados, não funcionam tal como tinham sido pensadas para funcionar, acabando por causar enormes desequilíbrios e descontinuidades urbanas.

A fragmentação da cidade pode ler-se como um avanço da desordem. A condensação negativa desta situação conduz a uma recomposição da unidade perdida, intento que parece destinado ao fracasso. Aceite o processo de fragmentação crescente como condição irreversível, para se entender a cidade como uma globalidade será necessário a relação dos fragmentos entre si e revelar as qualidades próprias de cada um. (Costa, 2006, p.15)



**Ilustração 1** – Vale de Chelas, Lisboa: um reflexo da Cidade Fragmentada.

(Ilustração nossa, 2022)

Nesse sentido, importa alertar que arquitecto, como “engrenagem” desse sistema, é também *cidadão*, e como tal, deverá assumir um sentido de responsabilidade e consciência para com o impacto da sua *acção* no mundo. Isso, no fundo, serve de base para que este possa projectar um conjunto de considerações e preocupações, que se reflectem, depois, na sua intervenção concreta no território. Para além das questões

práticas do desenho traçado pelo arquitecto, toda a intervenção feita no território da cidade, a par das dimensões formal e funcional, carece sempre de uma narrativa singular e identitária que escude essa realidade urbana da disseminação de espaços transitórios, banais e impessoais; no fundo, de prevenir que as cidades, com todo o seu potencial, se transformem em sistemas inanimados pela replicação de “não-lugares”, claramente reflectido no pensamento da escritora e activista norte-americana Jane Jacobs (1916-2006):

*City character is blurred until every place becomes more like every other place, all adding up to Noplace. (Jacobs, 1961, p.338)*

*Dull, inert cities, it is true, do contain the seeds of their own destruction and little else. But lively, diverse, intense cities contain the seeds of their own regeneration, with energy enough to carry over for problems and needs outside themselves. (Jacobs, 1961, p.448)*

Apesar das ameaças resultantes, e cada vez mais evidentes, do processo de descaracterização generalizada da Cidade Contemporânea, o certo é que a possibilidade de se regenerar poderá assentar, precisamente, num acto de imersão e tomada de consciência das especificidades desses “não-lugares”, tirando partido do seu potencial em benefício da Cidade.

Esse potencial poderá residir num processo de revitalização desses espaços alienados, por exemplo, em “(...) ambientes criativos, entendidos como espaços nucleares para a interação de (...) atividades criativas e sinergias culturais (...) com a capacidade de criar valor económico e catalisar a regeneração urbana.” (Furtado e Alves, 2012, p.130).

## Referências

- COSTA, Alexandre Alves (2006) - O Heroísmo da Vida Moderna. In DIAS, Manuel Graça ; VIEIRA, Egas José - 11 cidades : projectos 1995-2005. Coord. cient. Fátima Fernandes, Michele Cannatà; trad. Paul Bernard. 1ª ed. Porto : Civilização, 2006. ISBN 972-26-2430-X
- FURTADO, Gonçalo; ALVES, Sandra (2012) - Cidades criativas em Portugal e o papel da arquitetura: Mais uma estratégia a concertar. Revista Crítica de Ciências Sociais [Em linha]. ISSN 0254-1106, 2182-7435. 99 (2012) 125–140. [Consult. Abril 2023]. Disponível em WWW: < URL: <http://journals.openedition.org/rccs/5137> >.
- JACOBS, Jane (1961) - The Death and Life of Great American Cities [Em linha]. Vintage Books : Nova Iorque. [Consult. Março 2023]. Disponível em WWW: < URL: [http://www.petkovstudio.com/bg/wp-content/uploads/2017/03/The-Death-and-Life-of-Great-American-Cities\\_Jane-Jacobs-Complete-book.pdf](http://www.petkovstudio.com/bg/wp-content/uploads/2017/03/The-Death-and-Life-of-Great-American-Cities_Jane-Jacobs-Complete-book.pdf) >.